



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	PSICOLOGIA E DOCÊNCIA: REFLEXÕES ACERCA DA NOÇÃO DE "APRENDIZAGEM INVENTIVA"
<b>Autores</b>	Carlos Alberto Rodrigues Morrudo Filho MARA LUCIA FERNANDES CARNEIRO
<b>Orientador</b>	MARA LUCIA FERNANDES CARNEIRO

A relação entre docência e psicologia tem sido um desafio no campo educacional, principalmente a partir dos anos 2000 onde se reconhece da importância do “professor-reflexivo” na atuação do ensino da psicologia (MRECH, 2007, p. 231). O desafio estende-se quando há intenção em interligar, psicologia, arte e educação como campo de aprendizagem, considerando que “[...] Aprender resta sendo antes uma questão de invenção do que de adaptação [...]” (KASTRUP, 2004, p. 12). Pretende-se, neste relato de experiência, compor uma análise relacional entre psicologia e docência, a partir da noção de “aprendizagem inventiva” proposto por Virgínia Kastrup (2001). Para possibilitar esta análise recorta-se, aqui, um encontro sobre ética como parte do estágio curricular de docência em psicologia, realizado em um curso técnico para formação em saúde. O desenrolar do encontro organizou-se a partir da dinâmica denominada “oficina de máscaras”. Para disparar o campo de problematização sobre a ética, a oficina foi dividida em três momentos. O primeiro momento foi construir um personagem a partir da confecção das máscaras. Este momento teve, como disparador de problematização, a solicitação do estagiário para que os alunos trocassem suas máscaras com outros colegas. O segundo momento foi criar uma sessão de fotos das máscaras confeccionadas, onde cada aluno tinha que identificar sua máscara inicial. E, no terceiro momento, foi realizado uma roda de conversa referente a experiência vivida naquele encontro. Observou-se que, no primeiro momento houve queixas dos alunos em relação à troca de máscaras, pois eles relatavam que desejam entregá-la pronta, com uma identificação própria. Em relação ao segundo momento, vários alunos, ao tentar fotografar a máscara sentiam dificuldade em reconhecer a máscara inicialmente produzida. E, na roda de conversa, os alunos foram relatando sobre a experiência com a oficina, principalmente daquilo que gerou desconforto, por exemplo, trocar as máscaras, e não reconhecer a máscara inicial. A partir dessa experiência é importante refletir sobre o que se constitui nessa relação entre a interface: psicologia, arte, educação correlacionando com o conceito de “aprendizagem inventiva”. A primeira constatação fundamental foi compreender que “Aprender não é adaptar-se a um meio ambiente dado, a um meio físico absoluto, mas envolve a criação do próprio mundo”. (KASTRUP, 2001, p. 21). Esse aspecto foi crucial para o encontro, pois permitiu aos sujeitos envolvidos, seja o estagiário ou os alunos, potencializassem o processo de criação que não se reduzia ao local, nem aos dispositivos utilizados, mas o que se passava entre os sujeitos e os objetos envolvidos no processo do encontro. Outro apontamento importante sobre a relação entre o processo do encontro vivido na oficina de máscaras e a “aprendizagem inventiva” é que esta última possibilita considerar que “[...] seu desenvolvimento é sempre resultado da tensão entre as formas existentes, constituídas historicamente, e os abalos, as inquietações, os estranhamentos que nos afetam” (KASTRUP, 2001, p. 23). Essas sensações são levadas em consideração como parte constitutiva do processo de aprendizagem, pois produzem deslocamentos em relação às verdades instituídas no cotidiano. Na dimensão ensino-aprendizagem, Kastrup (2001) aponta para uma desconstrução representacional importante, quando diz “O plano de sintonia mestre-aprendiz é um campo de criação [...] O mecanismo não é de identificação, mas de contágio e propagação”. (p. 25). Essa consideração redimensiona a relação professor-aluno, o professor como centralizador do saber, ou como transmissor do conhecimento. Pelos apontamentos da autora, a ideia de controle e vigilância vai perdendo o foco da educação, dando lugar ao processo de criação. “A noção de aprendizagem inventiva inclui então a invenção de problemas e revela-se também como invenção do mundo” (KASTRUP, 2005, p. 1277). Conclui-se que essa experiência como docente na área da psicologia, no cenário da oficina de máscaras proporcionou repensar a formação em licenciatura apostando na arte como dispositivo que abre passagem para processos subjetivos. Além disso, permite compreender que ser professor se insere em um “[...] processo que não se encerra com a formação inicial, mas se dá ao longo da vida, que mobiliza diferentes saberes e experiências e envolve as dimensões pessoal e profissional [...]”. (COSTA; OLIVEIRA, 2007, p. 29). Como também, permite lidar com as incertezas, com o risco, mas sem perder de vista da importância de incluir no processo educativo um recriar, permanentemente, o próprio cotidiano.

## Referências

COSTA, Josilene Silva da; OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. A iniciação na docência: analisando experiências de alunos professores das licenciaturas. **Olhar do professor**. Ponta Grossa, v.10, n.2, p. 23-46, 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1486/1131>. Acesso em 09 jul. 2013

KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, arte e invenção**. Maringá: Revista psicologia em Estudo, v.06, n.1, p. 17-27, jan/jun. 2001.

\_\_\_\_\_, Virgínia. **Políticas Cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27279.pdf>. Acesso em 09 jul. 2013.